

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL

Gustavo Felipe Gomes do Nascimento

**O Futebol no Espaço Urbano Campista: Adeus ao estádio
Godofredo Cruz do Parque Tamandaré**

Campos dos Goytacazes
2016

GUSTAVO FELIPE GOMES DO NASCIMENTO

**O Futebol no espaço urbano campista: Adeus ao Godofredo
Cruz do Parque Tamandaré**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal Fluminense como requisito
parcial para obtenção do grau de licenciado em
Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dra Silvana Cristina da Silva

Campos dos Goytacazes

2016

GUSTAVO FELIPE GOMES DO NASCIMENTO

O Futebol no espaço urbano campista: Adeus ao Godofredo Cruz
do Parque Tamandaré

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em
Geografia

Data da apresentação: 26 de janeiro de 2016

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Silvana Cristina da Silva (Orientadora)
UFF - Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Marco Antonio Sampaio Malagodi
UFF - Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Anniele Sarah Ferreira de Freitas
UFF - Universidade Federal Fluminense

do Nascimento, Gustavo F. G.

O Futebol no Espaço Urbano Campista: Adeus ao estádio Godofredo Cruz do Parque Tamandaré. Gustavo F. G. do Nascimento.

62.p; 30 cm.

TCC (Trabalho de conclusão de curso)
Universidade Federal Fluminense – UFF 2º Sem. 2016.
Orientadora: Prof.ªDr.ª Silvana Cristina da Silva

Referencial Bibliográfico: p.59

Palavras-chave: Espaço Urbano, Estádios de futebol, Campos dos Goytacazes, Americano Futebol Clube.

Agradecimentos

A minha orientadora pela grande ajuda na conclusão desse trabalho.

Aos meus pais, Eleonora e Wanderley por todo apoio e incentivo não somente para a conclusão desse trabalho como ao longo de toda a caminhada na Universidade, sem eles nada seria possível.

Aos meus familiares em especial minha tia e madrinha Daguimar por toda ajuda e apoio que sempre me deu ao longo desses quatro anos em Campos.

A todos os colegas e amigos que fiz ao longo de todo o percurso na Universidade. Sem eles o percurso nesses quatro anos teria sido bem mais difícil, e sem tantas estórias boas, engraçadas para lembrar.

RESUMO

O presente trabalho analisa a mudança recente da sede do Americano Futebol Clube, fazendo um pequeno resgate da história do futebol campista e da urbanização de Campos dos Goytacazes/RJ. Verificamos como o futebol, a partir de seu simbolismo e de suas materialidades, transforma o espaço urbano da cidade. Os estádios de futebol são elementos constitutivos das paisagens urbanas brasileiras, entretanto, sofrem e, ao mesmo tempo, contribuem com o processo de valorização desigual do espaço urbano. As sucessivas mudanças do estádio do Americano Futebol Clube em Campos dos Goytacazes revelam a importância histórica do futebol para a cidade e modo como as materialidades induzem a expansão do espaço urbano na dinâmica urbana. Para essa pesquisa utilizamos como conceitos-chave o espaço urbano e a importância do nacionalismo na formação da identidade nacional, que se particulariza localmente pelos times históricos. Metodologicamente trabalhamos com revisão bibliográfica, pesquisa de campo e entrevistas.

Palavras-Chave: Espaço Urbano, Estádios de futebol, Campos dos Goytacazes, Americano Futebol Clube.

ABSTRACT

The present work analyzes the recent change of the headquarters of American Football Club, making a small recovery of the history of camper soccer and the urbanization of Campos dos Goytacazes / RJ. We verify how soccer, from its symbolism and its materialities, transforms the urban space of the city. Football stadiums are constitutive elements of Brazilian urban landscapes, however, they suffer and, at the same time, contribute to the unequal appreciation of urban space. The successive changes of the American Football Club stadium in Campos dos Goytacazes reveal the historical importance of football to the city and how the materialities induce the expansion of urban space in urban dynamics. For this research we use as key concepts the urban space and the importance of nationalism in the formation of national identity, which is locally particularized by historical teams. Methodologically we work with bibliographic review, field research and interviews.

Keywords: Urban Space, football stadiums, Campos dos Goytacazes, American Football Club.

Lista de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1: Primeiro jogo realizado em Campos dos Goytacazes | 22 |
| Figura 2 - Escudo do Cambaíba | 23 |
| Figura 3 - Valdir Pereira "Didi" | 24 |
| Figura 4: Escudo do São João..... | 25 |
| Figura 5: Escudo do São José | 25 |
| Figura 6: Time do Sapucaia Campeão Fluminense 1974..... | 26 |
| Figura 7: Escudo do Paraíso FC | 27 |
| Figura 8: Vista aérea da Rua Visconde de Itaboraí | 42 |
| Figura 9: Vista aérea do estádio Godofredo Cruz na Avenida 28 de Março | 42 |
| Figura 10: Vista aérea do Centro de Treinamento do Americano..... | 43 |
| Figura 11: Entrada do Centro de Treinamento – 2016 | 46 |
| Figura 12: Centro de treinamento - 2016 | 46 |
| Figura 13: Arquibancada do estádio sendo construída - 2016 | 47 |
| Figura 14: Outra arquibancada sendo construída - 2016 | 47 |
| Figura 15- Estádio Godofredo Cruz no Parque Tamandaré- Década 1970 | 48 |
| Figura 16: Estádio Godofredo Cruz no Parque Tamandaré - 2012 | 49 |
| Figura 17: Campos dos Goytacazes - RJ : Preço do solo (m2) - 2011 | 51 |
| Figura 18: Imagem de satélite do município de Campos dos Goytacazes | 55 |

Lista de Tabelas

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Os Clubes campistas de fábricas e usinas..... | 27 |
| Tabela 1: População residente e taxa de crescimento populacional, Campos dos Goytacazes, década de 1940 a 2010. | 38 |
| Tabela 2: Distribuição da população, por situação do domicílio, Campos dos Goytacazes, 1980 a 2010. | 39 |

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 11 |
| 1- O Futebol em Campos dos Goytacazes: das usinas à crise dos anos 2000 | 13 |
| 1.1 – Um breve histórico da difusão do futebol no Brasil | 13 |
| 1.2- O Futebol e a invenção da Identidade Nacional | 17 |
| 1.3- Os clubes de Campos e o Campeonato Fluminense..... | 21 |
| 2- O Americano Futebol Clube e a construção do espaço urbano campista | 30 |
| 2.1 - A evolução do espaço urbano de Campos dos Goytacazes..... | 30 |
| 2.2 – O novo Godofredo Cruz e O Centro de Treinamento Eduardo Viana | 44 |
| Considerações Finais | 57 |
| Referências Bibliográficas | 59 |

Introdução

Em Campos do Goytacazes tivemos recentemente uma mudança de sede do Americano Futebol Clube, um dos clubes mais tradicionais do Estado Rio de Janeiro, aliado a construção de um novo estádio e de um centro de treinamento em um local diferente do já tradicional estádio localizado na rua Vinte e Oito de Março. Entender essa mudança dentro do contexto que se constitui o espaço urbano de Campos foi a proposta deste trabalho.

Ao longo da pesquisa foram realizadas visitas à Biblioteca Municipal Nilo Peçanha em Campos dos Goytacazes para obter referências bibliográficas sobre o futebol na cidade, e visita à Prefeitura Municipal e ao Centro de Treinamento Eduardo Viana com o objetivo de obter maiores informações sobre o objeto de análise.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi de grande importância a contribuição os trabalhos de Faria (2000, 2005, 2008, 2015), Corrêa (1989) e Mascarenhas (1999, 2002, 2005, 2006, 2013), autores estes bastante citados neste trabalho. Além desses autores, outros tiveram também importância muito significativa para nos mostrar a complexidade da dinâmica do espaço urbano e como a formação da identidade nacional a partir do futebol se constitui no Brasil.

O trabalho começa fazendo um breve recorte histórico sobre a origem do futebol no Brasil e seu início e desenvolvimento em Campos dos Goytacazes. Mostramos a importância e relevância que o futebol campista teve e continua tendo com suas histórias e títulos, muitas vezes esquecidos ao longo do tempo com o processo de concentração do futebol em times da capital, no caso do estado do Rio de Janeiro. Na sequência apresentamos a evolução do espaço urbano de Campos dos Goytacazes com o objetivo de entender como essa cidade foi sendo constituída e quais foram os elementos responsáveis por valorizar de forma desigual o seu espaço urbano. Essa é uma parte importante, pois tanto o novo centro de treinamento como o antigo estádio da avenida Vinte Oito de Março, estão inseridos dentro de um espaço urbano específico e para nos ajudar a entender esse espaço é necessário compreender o processo de expansão e valorização desigual do espaço urbano da cidade.

No segundo momento desse trabalho, relatamos então, as informações que foram obtidas nas visitas ao Americano Futebol Clube e à Prefeitura. Além da opinião dos torcedores em geral, não somente do Americano, em curtas entrevistas a respeito da demolição do estádio, localizado na Avenida Vinte Oito de Março, sobre o centro de treinamento e o novo estádio, pois são os torcedores que frequentaram e futuramente frequentarão e se apropriarão dando sentido e funcionalidade a esses espaços dentro da cidade. Os entrevistados não fazem parte de torcidas organizadas ou algo do parecido, são torcedores comuns que gostam e acompanham o futebol na cidade. As entrevistas tanto com os torcedores, quanto no centro de treinamento do clube forem realizadas com perguntas previamente elaboradas que foram feitas pessoalmente ou dependendo da disponibilidade do entrevistado foram feitas por e-mail.

Essa pesquisa permitiu que identificássemos como o futebol pertence à cultura nacional, cultura essa criada por processos de inculcação, e que localmente nasce vinculada às usinas e após a crise da cana na região e o processo de urbanização, alguns clubes sobreviveram e mantem seus estádios no espaço urbano. Entretanto, esses estádios sofrem, e ao mesmo tempo induzem as transformações do espaço urbano. A mudança da sede do Americano Futebol Clube está vinculada ao processo de valorização do Parque Tamandaré e também ao processo de indução da expansão urbana da cidade com a instalação da nova sede, com o seu novo centro de treinamento.

1- O Futebol em Campos dos Goytacazes: das usinas à crise dos anos 2000

1.1 – Um breve histórico da difusão do futebol no Brasil

O futebol que hoje é conhecido pelos seus grandes estádios, ligas e copas milionárias, e popularmente difundido pelo mundo, começou a ser praticado, da forma como conhecemos atualmente, em meados o século XIX oficialmente na Inglaterra, pela elite do país, e principalmente pelas universidades onde foi o berço da prática e popularização do esporte.

Com suas regras estabelecidas e fundada em 1863, a Federação Inglesa, *Football Association (FA)*, e oito anos depois a Copa da Inglaterra (competição de clubes mais antiga do mundo), deram início a um dos esportes que se tornou um dos mais populares do mundo. O futebol já mostrava sua força recebendo bons públicos nos estádios e já deixando de ser durante a Segunda Revolução Industrial, um esporte jogado pelas elites para se tornar um esporte popular dentro das fábricas entre os operários.

Àquela altura dos acontecimentos, o futebol já deixara de ser um jogo exclusivo de estudantes no cumprimento particular das atividades curriculares, para tornar-se prática disseminada também pelos clubes, formados tanto pelas elites quanto por elementos da classe média urbana, a grande maioria ex-estudantes com interesse em continuar jogando futebol. E o bem sucedido esporte se revela um atraente espetáculo: alguns jogos na década de 1870 já atraíam público superior a dez mil pessoas, sobretudo nos acirrados confrontos entre as seleções nacionais de Inglaterra e Escócia (MASCARENHAS, 2002, p. 2).

Durante esse período de criação e popularização do esporte, a Inglaterra era a grande potência mundial exercendo uma influência cultural e econômica nos demais países do mundo, inclusive no Brasil. Naquela época, grande parte das famílias da elite brasileira enviava seus descendentes para morar e estudar nas instituições de ensino europeias, em especial as escolas britânicas. Quando esses estudantes voltavam para seus países, voltavam também com o

futebol na bagagem, com bolas, livros de regras, uniformes, difundindo aos demais países o esporte que já era popular na ilha britânica.

Naquela época, as escolas inglesas acolhiam os filhos de algumas das famílias mais abastadas do planeta, além dos descendentes dos cidadãos britânicos espalhados pelos quatro cantos do globo, que, após travarem contato com o esporte que despontava, tiveram papel fundamental na difusão do futebol nos seus países de origem, funcionando como verdadeiros "missionários da bola" (FERREIRA, 2005).

Isso também aconteceu aqui no Brasil. Na versão oficial, Charles Miller, brasileiro e descendente de pais britânicos, voltou dos seus estudos na Europa para São Paulo sendo o primeiro a trazer o futebol para o Brasil. E Mascarenhas (2002) salienta que, apesar da imensidão territorial do Brasil e variedade de portos no território brasileiro, é difícil saber com exatidão quem foi o pioneiro, mas o autor reforça que São Paulo foi o primeiro a popularizar o esporte, visto que a primeira partida que se tem registro foi realizada em São Paulo, e antes mesmo da virada do século XX, já se realizavam partidas em clubes, empresas e escolas, sendo o estado o primeiro do Brasil a organizar um campeonato em 1902.

No Rio de Janeiro, Pardo (2007), afirma que há registro de uma partida de futebol entre marinheiros ingleses realizada em 1878 em frente a residência da Princesa Isabel antes da chegada de Charles Miller em São Paulo. Porém não há relatos sobre o placar do jogo.

O futebol no Brasil começou a ser praticado de início pela aristocracia da época que via sempre com bons olhos tudo o que vinha do continente europeu. No Rio de Janeiro aquela época, ainda capital federal, não foi diferente, exemplo disso é a fundação de um clube na zona abastada da cidade, o Fluminense Football Club em 1902, primeiro clube de futebol do Rio fundado por Oscar Cox (Um dos pioneiros do futebol do Brasil e o primeiro presidente do clube). Apesar do esporte principal no Rio na virada do século XX ser o Remo, não demorou para o futebol se popularizar principalmente no ambiente das fábricas de onde surgiram clubes que permanecem ativos até hoje.

Inicialmente, o futebol no Brasil se estabeleceu como uma prática circunscrita a empregados de firmas britânicas e a certos jovens da elite, desejosos de copiar aspectos “civilizadores” do modo de vida europeu. Uma atividade discreta que se especializa apenas esporadicamente em parques públicos, praias e praças (MASCARENHAS, 2005, p. 61).

É interessante destacar que o futebol jogado e popularizado nas fábricas no Rio de Janeiro não foi uma forma exclusiva da capital. Os clubes de Campos dos Goytacazes, vieram das usinas e foram importantes dentro do futebol do interior do estado.

Esse novo esporte que ganhava cada vez mais adeptos e começa a entrar nas fábricas como forma de distração dos trabalhadores durante as horas de lazer e foi visto por muitos como forma de alienar os trabalhadores e ocupá-los com preocupações que não fossem as condições de trabalho nas quais se encontravam.

Diversos autores, sobretudo os de inspiração marxista, já realçaram o papel do futebol na formação e submissão da classe operária, como eficaz dispositivo no sentido de imbuir o trabalhador de senso de coletividade, de especialização, disciplina, hierarquia, competitividade e valorização do tempo cronometrado. Geralmente se critica o fato deste esporte, ao se “industrializar” (ter se tornado uma vigorosa indústria sob os interesses do capital), produzir alienação no torcedor (e portanto bloquear o avanço dos ideais revolucionários) e castrar do jogador a criatividade, espontaneidade, a alegria e a auto-determinação (MASCARENHAS, 2002, p.3).

Os trabalhadores, no entanto, precisavam do apoio dos patrões para praticar o esporte, pois só com o apoio dos mesmos era possível que os clubes prosperassem, ganhassem força, obtivessem os melhores jogadores e as melhores instalações, ou seja, era a partir dos patrões que vinham o financiamento para crescimento do time

Mascarenhas (2002) ainda faz uma análise comparativa para essa aceitação do futebol nas fábricas até mesmo por parte dos donos das fábricas. Para o autor o futebol se assemelha a atividade fabril no qual, assim como nas

fábricas, o futebol é preciso um trabalho coletivo, onde os jogadores e trabalhadores buscam sempre fazer o melhor trabalho buscando respeitar supremacia e hierarquia de um treinador ou dirigente. Possui um tempo que corre ininterruptamente mesmo com as paradas que ocorre durante o jogo, um campo onde cada jogador se especializa e exerce em uma determinada função assim como numa linha de montagem.

Com esses diversos fatores criaram-se muitos clubes de fábrica como o Bangu Atlético clube em 1904 no Rio de Janeiro, criado pelos trabalhadores da fábrica têxtil do bairro de Bangu na Zona Norte, rivalizando aos clubes ainda aristocratas e elitistas da Zona Sul da cidade como Flamengo, América, Fluminense e Botafogo. Em Campos dos Goytacazes se assemelham ao Bangu clubes como o Paraíso, São José, Aliança e entre outros que serão vistos nos capítulos seguintes.

Os trabalhadores das fábricas que se destacavam jogando no time, segundo Ferreira (2005), formavam aos poucos uma elite operária. Visto que possuíam algumas regalias dentro das indústrias como um serviço mais leve, dispensa mais cedo para treinar, prêmios por vitória e ser contratado apenas por ser um bom jogador ao invés de bom operário, ficando esse operário jogador valorizado no mercado de trabalho. O mesmo autor cita o exemplo de Garrincha tido como um operário sem aptidão para o serviço pesado da indústria, mas por sua habilidade no campo de futebol possuía várias regalias dentro da fábrica que trabalhava.

O fortalecimento da figura do operário-jogador proporcionou que o futebol se transformasse numa segunda fonte de renda para diversos trabalhadores, além de agente de mobilidade social no interior do ambiente fabril. Enquanto que, muitos operários, utilizavam os times de fábrica como uma espécie de vitrine em busca uma vaga em um dos grandes clubes, outros, como o legendário Domingos da Guia, buscavam através do futebol a garantia de uma boa colocação para quando tivessem que parar de jogar. Para muitos, a habilidade com a bola nos pés representava a chance de se garantir de um bom emprego no futuro (Ferreira, 2005).

Posteriormente uma parte importante dessa história que vale ser citado aqui rapidamente, mas que não será aprofundada, pois não é o objetivo desse

trabalho, é a profissionalização do esporte. Com o crescimento do esporte cresce também a necessidade do futebol se tornar um esporte profissional, visto que muitos jogadores naquela época ainda amadores jogavam por um clube e tinham ao mesmo tempo em que exercer outra profissão paralelamente.

1.2- O Futebol e a invenção da Identidade Nacional

O futebol é o esporte mais popular do Brasil. Um esporte que é tratado historicamente acima dos outros esportes brasileiros coletivos e individuais. O futebol no Brasil é visto de forma diferente não somente como esporte, mas como parte da identidade nacional do brasileiro. Podemos perceber claramente que esse esporte, além ser o mais praticado no Brasil desde o início do século XX, também possui espaço significativo dentro da cultura brasileira.

O futebol se tornou, no Brasil, muito mais que mera modalidade esportiva. Sua rápida e profunda disseminação, atuando inclusive no processo de integração do território, propiciou-lhe a condição de elemento central na cultura brasileira. Constitui o futebol um amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados, que entendemos como passível de se analisar como uma poderosa forma simbólica, com densa impregnação na paisagem urbana (MASCARENHAS, 2005, p.62).

Entretanto o porquê de o futebol ser tão amado pelas massas de torcedores em detrimento a outros esportes fazendo parte da identidade nacional do brasileiro? E por que o Brasil, que nunca foi uma potência olímpica esportiva ao longo dos anos como os países desenvolvidos, conseguiu lugar de destaque internacional no esporte mais popular do mundo?

O Brasil é reconhecido por outros países como sinônimo de futebol, é também o país que mais exporta jogadores para o mercado internacional, possui o maior número de jogadores premiados como melhores jogadores do ano pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), além de possuir a seleção de futebol mais vitoriosa do mundo que é vista como um

símbolo de um futebol bonito, bem jogado e alegre, também representa bem a identidade futebolística do brasileiro.

Podemos fazer uma relação dessa identidade futebolística brasileira com as comunidades imaginadas de Benedict Anderson (1983), pois para o autor toda ideia de nacionalidade ou nação faz parte de algo que está no imaginário de quem vive nas comunidades formando esse tipo de identidade. “A diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas”. (Silva, 2009, p.24)

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 1983, p.32).

Em síntese, Anderson (1983) defende a ideia de que toda nação é resultado do nacionalismo, e esse se utiliza de *invenções* para gerar nações. Dessa forma, toda nação é inventada, imaginada, mas por diversos mecanismos. No caso brasileiro, o futebol passou a fazer parte desse processo de invenção do Estado Territorial brasileiro.

Thomaz Tadeu da Silva (2009) segue nessa mesma linha ao tratar da identidade e diferença, e nos ajuda a entender um pouco essa ideia de identidade brasileira ligada ao futebol. Para o autor as identidades nacionais precisam de mitos fundadores para se estabelecer trazendo algo que tenha significado comum a todos como a língua, hinos, bandeiras, brasões formando essas identidades.

Juntamente com a língua, é central a construção de símbolos nacionais: hinos, bandeiras, brasões. Entre esses símbolos, destacam-se os chamados “mitos fundadores”. Fundamentalmente um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral, iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional (SILVA, 2009, p.85).

Esses símbolos podem ser vistos no apego, o sentimento de afeição e unidade dos torcedores pelos seus clubes em suas cidades, mas quando

falamos de maneira mais ampla o símbolo maior do futebol no Brasil é a seleção brasileira. Para Da Matta (1982) o futebol permite esse tipo de representação e apropriação da população com essa relação de pátria. A noção abstrata de país e povo se torna concreta e visível quando vemos a seleção brasileira em uma partida.

É pelo **futebol**, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais. E é só nos dias dos jogos da "seleção brasileira" que se pode observar o povo vestido com as cores da bandeira nacional, vivendo uma experiência concreta de "união nacional". Nestes momentos de "carnaval cívico", criados pelo **futebol**, os símbolos sagrados da pátria (que, no Brasil, são cercados de regras em termos do seu uso), deixam de ser propriedade das camadas dominantes e, sobretudo, do "governo" e das autoridades, para se disseminarem pelo meio da massa anônima, que com eles celebra uma relação de franca e desinibida intimidade (DA MATTA, 1982, p.34, grifo do autor).

E por causa desse sentimento nacionalista e dessa identidade criada e imaginada, que já citamos aqui, surgem às frases "Brasil, a pátria de chuteiras", "Brasil, o país do futebol", que surgem os feriados e festas nos dias de jogos da seleção brasileira durante a Copa do Mundo e o sentimento de nação nas competições internacionais como acontecem.

Roberto Da Matta (1982) nos chama atenção para certas expressões que utilizamos para caracterizar o futebol e nos ajuda a entender o esporte como uma paixão do brasileiro. Para os ingleses o futebol é visto como um esporte ou, aqui no Brasil o mesmo é visto como um jogo.

Em outras palavras, na Inglaterra, o futebol é vivido como um **sport** e não como um **jogo**, como ocorre no Brasil, onde se distingue o **jogar** (to gamble) do **brincar** (to play). Brinca-se no Carnaval, como procurei mostrar em outros lugares (Cf. Da Matta, 1979 e 1981), mas **joga-se futebol**, e **joga-se num time de futebol**, isto é pode-se praticar **o futebol** dentro de um time e também apostar na vitória de um dado time (DA MATTA, 1982, p.27, grifo do autor).

Da Matta (1982) nos mostra que essa diferenciação do verbo jogar é de fato importante, pois diferencia o modo como o futebol é tratado no país, não

apenas como um simples jogo, mas como algo que transcende quatro linhas do campo e independe somente das técnicas e táticas dos jogadores, mas também da participação dos torcedores e, acima de tudo, está aliado a forças incontroláveis e invisíveis como sorte ou azar e o destino das partidas.

(...) no Brasil, o esporte é vivido e concebido como um jogo. É uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, habilidade técnica, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino. Realmente, nos comentários após os jogos de futebol, no Brasil, existem muitas situações em que se sabe que um dos times não jogou somente contra o tempo e o adversário, mas também contra o destino, que deve ser modificado ou corrigido para que a vitória possa lhe sorrir (DA MATTA, 1982, p.25).

O futebol brasileiro ficou conhecido por se distinguir do futebol europeu, no modo como historicamente joga, um futebol mais improvisado, individualista e alegre em relação ao europeu, que joga de forma mais tática, forte e coletiva, mas também pelo modo como se torce e se envolve nesse espetáculo.

O brasileiro se manifesta historicamente de maneira diferente e a própria palavra já diferencia, aqui utilizamos a palavra torcedor, já na Europa utiliza-se mais a palavra *Fã* para se referir ao público das arquibancadas. Enquanto a palavra *fã* no dicionário significa ter admiração por algo, *torcer* significa ser torcedor de algum clube esportivo, desejar a vitória de um time, equipe, e incentivá-lo por meio de gritos, gestos etc¹. Em outras palavras torcer significa se envolver no jogo e não apenas apreciá-lo ou admirá-lo. É isso que vemos nos estádios brasileiros, ao contrário do que pode ser visto em jogos de campeonatos europeus onde a torcida não se manifesta de forma participativa permanecendo sentado e em silêncio durante todo o jogo.

Esse comportamento é tão diferente para os estrangeiros que durante os jogos olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, isso ficou evidente, pois várias atletas e torcedores de outros países reclamaram das vaias dos torcedores brasileiros para os atletas que não fossem brasileiros, até mesmo em esportes onde o silêncio é necessário para um bom desempenho. Esse tipo de atitude é

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos [et. al.]. Curitiba: Positivo, 2007. 544 p. ISBN 978-857-472-650-2.

uma forma importada da cultura futebolística do brasileiro de se manifestar para demonstrar apoio aos atletas brasileiros em outros esportes, formas essas que o estrangeiro não está acostumado.

Para Roberto da Matta (1982) o futebol não deve ser visto apenas como um esporte, mas sim também com um jogo relacionado a todo um conjunto de valores e relações sociais. Para o autor o futebol seria popular no Brasil porque “ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DA MATTA, 1982, p. 40).

Esse sentimento com relação ao futebol não se dá exclusivamente nas capitais nacionais ou com relação à seleção brasileira. Os times dos interiores dos estados também representam uma força dentro de seus estados e muitas vezes também a nível nacional. Esses times tidos muitas vezes como pequenos têm o apoio muito grande dos torcedores locais e muitos desses clubes e cidades possuem uma história muito rica no futebol e em Campos dos Goytacazes não é diferente.

1.3- Os clubes de Campos e o Campeonato Fluminense

Para estudarmos o futebol em Campos dos Goytacazes foi preciso pesquisar de forma mais profunda e com metodologias diversificadas, pois são poucos os registros históricos dos primeiros passos dos clubes campistas. Somente a partir do trabalho de pesquisa em jornais antigos e baseado em trabalhos detalhados como o de Paulo Ourives (1987), Aristides Pardo (2007), e Hélio Santafé (1997) é que conseguimos conhecer não só a história de clubes grandes da região como o Goytacaz e o Americano, mas também um pouco mais do futebol fluminense.

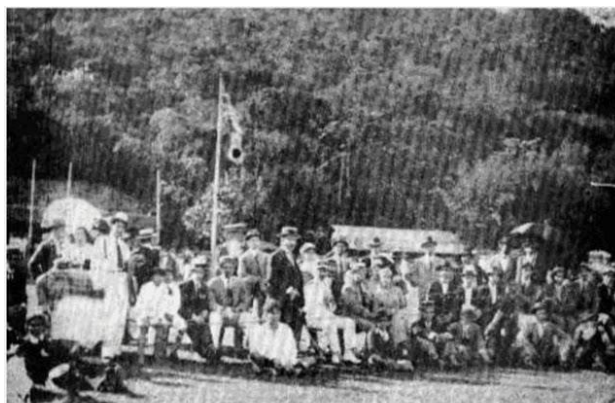
Em Campos dos Goytacazes, assim como aconteceu nas principais cidades do Brasil e na Inglaterra, o esporte começou a ser jogado pela aristocracia da cidade. Essa aristocracia no início o século XX era formada por grandes industriais e por uma elite canavieira, visto que, a cidade tinha uma economia muito forte baseada na cana-de-açúcar.

A maioria dos jogadores desta época era composta por filhos de fazendeiros, médicos, advogados. Enfim, de todas as classes elitistas, muitos vindos inclusive da Europa, onde concluíram seus estudos e lá aprenderam à prática futebolística (PARDO, 2007, p.21).

A chegada da primeira bola em Campos dos Goytacazes é cercada de histórias e controvérsias já que vários autores e documentos contam versões diferentes como as que o autor Paulo Ourives (1989) conta, a partir de uma carta escrita por Renê – filho do jornalista e desportista Múcio da Paixão a seu irmão Hugo – o futebol campista teve início com um circo de cavalinhos que chegou a cidade em 1907, onde os artistas nas horas vagas jogavam futebol sem uniformes, e chuteiras, somente com uma bola de couro costurada.

Já autores como Hélio Santafé (2006) e o mesmo Paulo Ourives (1989) baseados no jornal *A cidade* contam a história de John John Duncan, um engenheiro mecânico inglês, que veio para Campos em 1887, sendo um dos grandes pioneiros e incentivadores do futebol na cidade. Enfim, existem ainda outras versões e não é a intenção aqui relatar todas nem eleger uma como a mais plausível. O fato mais importante, é que o futebol também se popularizou em Campos dos Goytacazes, sendo que o primeiro jogo registrado foi realizado em 1912 (Figura 1).

Figura 1: Primeiro jogo realizado em Campos dos Goytacazes



Internacional Vs. Aliança, 1º jogo em Campos (1912)

Fonte: Site da Liga campista de desportos²

Em relação à formação dos clubes de futebol em Campos, a elite aristocrata foi quem teve o primeiro contato com o novo esporte, porém foi

² Disponível em: <<http://ligacampistadesportos.blogspot.com.br/>> Acesso em 15 set. 2016

dentro das usinas de cana de açúcar, entre os trabalhadores, que surgiram alguns dos mais importantes clubes do futebol campistas como o:

O Sport Club Aliança, fundado em 1932. Segundo Ouvires (1989), a partir da fusão de clubes da antiga Usina do Queimado, o Queimadense e o Nogueira. O clube foi fundado por trabalhadores da usina e obteve apoio dos irmãos Nogueira, donos da Usina. Extinto nos dias de hoje, o clube foi uma grande força do futebol Goytacá, e rapidamente se tornou tricampeão do campeonato campista.

O Esporte Clube Cambaíba surgiu em 1930 também a partir da fusão de dois clubes formados por trabalhadores da Usina Cambaíba, o Liberal e o Palmeiras, tiveram um grande financiador e incentivador, o dono da usina, Hely Ribeiro Gomes. O clube teve um estádio que foi reformado e reinaugurado em 1966. O time se filiou a liga campista tardiamente em 1966, por isso não possui títulos de grande expressão na região. O uniforme era nas cores azul e branca e foi outro clube que encerrou suas atividades no futebol profissional.

O Cambaíba sempre contou com boas equipes, sendo um adversário muito difícil de ser batido, contudo, não conseguiu levantar títulos importantes, somente uma Taça Cidade de Campos, em 1975, e o Torneio de Verão, de São João da Barra, realizado na cidade vizinha, em janeiro do mesmo ano, quando venceu o Vesúvio, na final, e ficou com o troféu Cel. Antônio Brandão Siqueira, homenagem ao então Comandante da Polícia Militar do Estado do Rio (PARDO, 2007, p.38).

Figura 2 - Escudo do Cambaíba



Fonte: Site da Liga Campista de Desportos³

³ Disponível em <<http://ligacampistadesportos.blogspot.com.br/>> Acesso 15 set. 2016

O Industrial Futebol Clube foi fundado em 1912 pela Fábrica de tecidos industrial campista, com o apoio do dono da fábrica, Francisco Ferreira Saturnino Braga. O time que vinha do bairro da Lapa e chegou a jogar na Rua do Gás (local onde atualmente fica o campo do Goytacaz) e foi uma das grandes forças do futebol campista, sendo o Industrial o primeiro clube do craque Valdir Pereira conhecido como “Didi” (Campeão do Mundo em 1958 e 1962 com a seleção brasileira, e eleito melhor jogador da Copa do Mundo de 1958), inventor do chute “folha seca”.

Com o fim da fábrica, o time entrou em decadência, fechando logo em seguida suas portas, mas deixando sua história na memória de todos os que acompanharam a era de ouro do futebol de Campos e tem na lembrança a grande potência esportiva que foi o Industrial (PARDO, 2007, 43).

Figura 3 - Valdir Pereira "Didi"



Fonte: Imortais do Futebol⁴

O Esporte Clube São João foi fundado em 1917 e é um dos clubes de usina mais antigos de Campos o clube formado por trabalhadores da usina São João. Não possui títulos de expressão e se filiou tardiamente a liga campista. Assim como grande parte dos clubes de usina o São João não existe mais.

⁴ Disponível em < <http://imortaisdofutebol.com/2012/07/07/craque-imortal-didi/> > Acesso 15 set. 2016

Figura 4: Escudo do São João



Fonte: Liga Campista de Desportos⁵

O Esporte Clube São José surgiu em 1938 fundado por trabalhadores da usina São José que se localizava no distrito de Goytacazes. O clube foi apelidado de Colosso ou milionários de Goytacazes. Segundo Ourives (1989), o clube foi uma das grandes forças da região se tornando o primeiro campeão na era profissional da liga campista. O time possuía uma boa estrutura e apoio de sócios da fábrica, chegando a ter outras modalidades, não somente o futebol. Hoje, entretanto, o clube não tem mais ligação com a usina e disputa somente campeonatos amadores na região.

Figura 5: Escudo do São José



Fonte: Site da Liga Campista de Deportos⁶

O Esporte Clube Sapucaia foi fundado a partir da fusão de dois que existiam na usina Sapucaia (o Progresso e o Brasil). O clube que tinha suas cores vermelha e preta em alusão ao Flamengo – RJ, que segundo o autor

⁵ Disponível em < <http://ligacampistadesportos.blogspot.com.br/>> Acesso 15 set. 2016

⁶ Disponível em < <http://ligacampistadesportos.blogspot.com.br/>> Acesso 15 set. 2016

Paulo Ourives (1989), foi uma exigência do industrial e torcedor do Flamengo, Francisco Jacob Gayoso y Almendra, em prol de ajudar financeiramente o time da usina. O time chegou a ser campeão do campeonato fluminense em disputa com o Americano, mas foi perdendo força ao longo dos anos e hoje disputa campeonatos amador na região.

Figura 6: Time do Sapucaia Campeão Fluminense 1974



Fonte: Pardo (2007)

O Paraíso Futebol Clube fundado em 1917 e é reconhecido como clube de usina mais antigo de Campos. O clube do distrito de Tócos possuía uma boa estrutura com a ajuda de sócios da usina Paraíso construindo seu estádio em uma propriedade pertencente à usina. Apesar de não ter tido grandes conquistas o clube foi importante na região e por lá passaram jogadores importantes.

Seu estádio, erguido em propriedades pertencentes à Usina Paraíso se chamava Roberto Codray, mas teve o seu nome alterado mais tarde para Benedito Silveira Coutinho, um dos sócios da empresa e que junto com o Sr. Osvaldo Gomes foram incansáveis na luta em prol do clube (PARDO, 2007, p. 64).

Figura 7: Escudo do Paraíso FC



Fonte: Liga Campista de Desportos⁷

O quadro 01, revela que no auge do período da economia açucareira em Campos, houve também o surgimento dos times locais, quase todos eles vinculados às Usinas. Ao mesmo tempo, o desaparecimento desses clubes também acompanha o processo de deterioração dessa economia.

Quadro 1: Os Clubes campistas de fábricas e usinas

| Clube | Ano de Fundação | Usina/Fábrica | Estádio/Local | Ano de encerramento das atividades |
|---------------------------------|-----------------|--|---|---|
| Sport Clube Aliança | 1932 | Usina do Queimado | Av Nilo Peçanha/ Centro | Data desconhecida |
| Esporte Clube Cambaíba | 1930 | Indústria Açucareira de Cambaíba | Estádio Hely Ribeiro Gomes/ Cambaíba | Data desconhecida |
| Paraíso Futebol Clube | 1917 | Usina Paraíso | Estádio Benedito Silveira Coutinho/ Tocos | Disputa atualmente campeonatos amadores |
| Industrial Futebol Clube | 1912 | Fábrica de Tecidos Industrial Campista | Rua do Gás / Lapa | Data desconhecida |
| Esporte Clube São João | 1917 | Usina São João | Centro | Data desconhecida |
| Esporte Clube São José | 1938 | Usina São José | Estádio da Vitória/ Goytacazes | Disputa atualmente campeonatos amadores |
| Esporte Clube Sapucaia | 1938 | Usina Sapucaia | Guarus | Disputa atualmente campeonatos amadores |

Fonte: Organização do autor

⁷ Disponível em < <http://ligacampistadesportos.blogspot.com.br/> Acesso 15 set. 2016

Campos como vimos possui uma história muito rica com relação ao futebol com diversos clubes importantes além dos times de usina citados e os já conhecidos Goytacaz e Americano. Esses clubes muitas vezes esquecidos como o Internacional (primeiro clube da cidade), o Rio Branco e Campos A.A ajudam a compor a história do futebol campista.

Esse mesmo futebol campista que nos dias de hoje passa por uma crise muito grande, com seus principais clubes endividados, fora das principais competições, tanto nacionais como estaduais, vendo clubes tradicionais como os citados e apresentados no quadro um com uma história muito importante na formação do futebol do Rio de Janeiro desaparecer, porém essa história não foi sempre assim.

Em 1960 quando o Rio de Janeiro deixou de ser a capital federal e se tornou o estado da Guanabara, o conhecido hoje como “campeonato carioca” era o Campeonato dos Clubes do Estado da Guanabara, e o campeonato estadual do Rio de Janeiro era o campeonato com clubes do interior. O Campeonato Fluminense e a Liga Campista - fundada em 1913 - até o fim da década de 1970 tiveram uma importância muito grande para os clubes da região, pois chegou a ser classificatório para competições nacionais da Série A e com clubes de campos jogando essas competições.

Entretanto, com a extinção do estado da Guanabara e o Rio de Janeiro se tornando capital do estado, o campeonato carioca toma a forma que conhecemos hoje com os times da capital e do interior jogando juntos. Segundo Pardo (2007), essa mudança de torneio, aliada a crise nas usinas campistas na década de 80, ocasionaram uma perda de espaço, hoje não há um representante campista na Série A do Campeonato Carioca, e o encerramento das atividades profissionais de quase todos os times de Campos.

A crise nas usinas de Campos, que ocasionou o fechamento em várias delas, nas décadas de 60 e 70 foi outro fator preponderante para queda de nosso futebol, já que equipes atreladas a essas empresas não encontraram suporte para continuar suas atividades no âmbito profissional. Como consequência, muitas delas fecharam as portas de maneira definitiva, outras continuaram apenas como times amadores (PARDO, 2007, p. 128).

Para falar sobre o Americano e seu estádio é importante trazer esse breve recorte sobre a história do futebol campista, pois mostra a importância que os clubes de campos tiveram durante certo período no estado e sua grande relevância no futebol fluminense. E essa crise nas usinas que influenciou diretamente o processo de decadência dos clubes campistas, também influenciou a configuração do espaço urbano campista que veremos na sequência.

2- O Americano Futebol Clube e a construção do espaço urbano campista

2.1 - A evolução do espaço urbano de Campos dos Goytacazes

Campos dos Goytacazes foi fundado em 1677 como vila de São Salvador, e elevada à categoria de cidade em 28 de março de 1835. A cidade que hoje é considerada a mais importante do interior do estado do Rio de Janeiro sempre teve uma relação centro-periferia muito marcante até os dias de hoje. Porém, para entender essa relação, e para falarmos sobre os estádios de futebol é preciso fazer um breve histórico sobre a formação do espaço urbano campista.

No fim do século XIX, a cidade que era marcada por um centro urbano formado em torno da Praça São Salvador, com a elite formada por senhores de engenho e suas famílias, uma população em sua maioria rural e em grande parte formada população escravizada. Vê sua dinâmica urbana mudar com a abolição da escravidão, a proclamação da república e a chegada da modernização na cidade (FARIA, 2008).

Faria (2008) destaca que nesse período havia por parte do governo republicano uma necessidade de modernização das suas principais cidades, que tinham uma estrutura basicamente colonial, com ruas estreitas e um centro densamente povoado. O objetivo era atender as demandas do capitalismo industrial e urbano da época, visto que o Brasil ainda possuía uma economia agroexportadora baseado na cana de açúcar com Campos dos Goytacazes com um dos seus principais produtores e principalmente com o Café.

Diante dessa problemática, ou seja, executar obras de infraestrutura para atender às exigências do capitalismo nascente numa cidade com graves problemas sanitários e estrutura colonial, as elites sentiram necessidade de “regenerar a cidade”, ou seja, a desconstrução da cidade colonial e sua reestruturação sob os projetos modernizadores defendidos pela República (FARIA, 2015, p.117)

Durante essa modernização do centro urbano, com obras de infraestrutura e saneamento básico, com empresas estrangeiras investindo e construindo empreendimentos, aliados a abolição e ao fim da monarquia fez com que surgisse uma nova elite na cidade, já que os senhores de engenho perderam sua influência dentro da cidade, pois não era possível competir dentro do mercado com as usinas que estavam surgindo e substituindo os antigos engenhos.

Assiste-se, então, em Campos, ao início do capitalismo. Este fenômeno é tão importante que os habitantes da zona rural próxima emigram para a cidade, trazendo consequências para o espaço urbano. A competição fica cada vez mais forte entre a produção industrial de açúcar em grande escala e a pequena produção, pois as usinas logo dominam a produção, até a eliminação completa dos engenhos sob a pressão do capital (FARIA 2008, p.50).

Essas modificações estruturais e sanitárias feitas no início do século XX que ocorreram tanto em Campos como no Rio de Janeiro, com a reforma sanitária do prefeito Pereira Passos, vieram para deixar cada vez mais claro a divisão centro x periferia que existia na cidade. Com um centro mais estruturado e desenvolvido abrigando a elite da cidade e uma periferia abrigando uma população mais pobre e em sua grande maioria ainda rural, tendo semelhanças com o padrão espacial centro e periferia da metrópole brasileira, conforme apontou Villaça (1998), ou seja, um centro dotado de serviços urbanos públicos e privados, ocupado por camadas de altas rendas e por outro lado; uma periferia distante e ocupada por excluídos.

A área central concentra a hinterlândia da cidade, com variados serviços e infraestrutura com suas atividades comerciais, de gestão pública, e centralizando os meios de transporte, também sendo marcado pela forte verticalização. Em compensação as áreas periféricas são ocupadas pelas populações de baixa renda com residências precárias, uso sem intensivo do solo, com amplo e limitado crescimento horizontal (CORREA, 1989).

Entretanto esse centro urbano tradicional campista aos poucos vai perdendo a sua função de moradia para as elites coloniais devido ao centro naquela época estar densamente povoado e por possuir uma estrutura colonial,

não atendendo mais aos desejos e interesses da elite. Nesse novo cenário as áreas próximas ao centro e que já possuíam certa estrutura e espaço na Avenida Pelinca, Parque Tamandaré e Jardim Maria de Queiroz passam a abrigar as elites campistas ampliando a ocupação da cidade para o lado oeste.

Influenciados pela arquitetura e urbanismo e pelos discursos e planos higienistas, espaços maiores passaram a ser necessários para abrigar as novas construções da burguesia e organizar as áreas em que estas estavam sendo edificadas com as características da modernidade. Como o centro apresentava uma estrutura urbana colonial - com ruas estreitas e tortuosas – e uma área já densamente povoada, ele se mostrou inviável para absorver o novo padrão de moradia e, pouco a pouco foi perdendo sua função de moradia (FREITAS; FARIA, 2011, p. 7).

Os planos urbanísticos feitos para a cidade – de Saturnino de Brito, de 1902 – e o Plano de Urbanização dos irmãos Coimbra e Bueno, de 1944, nos ajudam a entender melhor como essa cidade foi se estruturando e se organizando.

Entretanto, antes de falar sobre os planos urbanísticos é preciso ter em mente os conceitos de cidade e espaço urbano, pois é a partir deles que podemos entender as relações que acontecem dentro desses espaços. O espaço urbano é definido por Corrêa (1989) como um conjunto de usos vários modos de utilizar a terra “justapostos entre si” articulando e fragmentando esse espaço em diversas áreas formando a organização espacial da cidade constituída de elementos como centro da cidade, centro administrativo e comercial, áreas de lazer, industriais e residenciais e aquelas que estão reservadas para uma expansão no futuro. Para o autor o espaço urbano é reflexo e condicionante social, seria a sociedade materializada em formas espaciais.

Para Faria (2005, p.3), o espaço urbano pode ser definido como um “*sistema de atratividade* entre locais de oferta e demanda de facilidades urbanas”, que, não necessariamente, em razão do caráter dialético inerente ao fenômeno urbano, se faz presente só nas áreas tipicamente centrais.

Ana Fani Carlos (2007) caracteriza a cidade como um produto histórico-social acumulativo, construído ao longo da história das relações entre sociedade e natureza. A cidade e espaço podem ser entendidos como “reprodução, produção produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais — relações produtoras da vida humana, no sentido amplo da reprodução da sociedade” (CARLOS, 2007, p.21).

Raquel Rolnik (2004) classifica o espaço urbano como a predominância da cidade em relação ao campo, pois com suas periferias distritos centros e subúrbios tende a dominar todos os espaços, transformando todos os espaços em urbano. Rolnik (2004) ainda define a cidade sobre quatro aspectos: a cidade como um ímã, pois consegue como um campo magnético atrair e concentrar as pessoas; a cidade como escrita, visto que as escritas com textos e documentos e até mesmo a própria arquitetura urbana ajudam a manter a memória da cidade. “O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que construíram, denota o seu mundo” (ROLNIK, 2004, p. 17); a cidade política no sentido de que as cidades têm um elemento marcante que é a “massa”, ou seja, estão todos fazendo parte de um coletivo até mesmo nas cidades pequenas sempre há uma necessidade de administrar a vida pública das cidades. “Da necessidade de organização da vida pública na cidade, emerge um poder urbano, autoridade político-administrativo encarregado de sua gestão” (ROLNIK, 2004, p. 20), e por fim, a cidade como mercado visto que a acumulação de pessoas gera uma produção e principalmente a troca de produtos entre as pessoas criando o mercado e a especialização do trabalho a partir dessas possibilidades de troca.

A primeira tentativa de modernização foi a partir do Plano urbanístico de 1902 do engenheiro Saturnino de Brito, que segundo Faria (2015) foi um dos responsáveis por vários planos urbanísticos na época em diversas cidades brasileiras como Vitória (1895-1896), Campinas (1896-1897), Petrópolis (1898), Campos dos Goytacazes (1902-1903), Santos (1905-1910), Recife (1910-1917), João Pessoa (1913), Pelotas (1926-1929).

Esse primeiro plano para a cidade de Campos possuía um enfoque nas questões de higiene e saneamento público e buscava contemplar a cidade inteira. Entretanto as áreas periféricas não receberam nenhum investimento

urbanístico, pois as intervenções por parte do governo municipal nessa época foram direcionadas apenas para a área central da cidade baseando-as em um discurso de progresso, buscando o embelezamento e o rompimento com a herança colonial dessa área central criando uma segregação entre a área central e área periférica.

(...) o poder municipal persiste em aplicar seu projeto de modernização, essencialmente, na parte central da cidade (ao redor do núcleo original): pavimentando a Praça São Salvador, alargando ruas, renovando os edifícios, demolindo os « velhos casebres », sem contar, o desenvolvimento das estradas de ferro, com a construção da ponte ferroviária sobre o Paraíba em 1906 e com a instalação de novas estações (FARIA, 2000, p. 6).

Faria (2000) destaca que, apesar da existência do Plano urbanístico de Saturnino Brito, poucas orientações existentes no plano foram colocadas em prática pela prefeitura, visto que, o plano contemplava intervenções não somente na área central. Entretanto, enquanto a população da área central se beneficiava com intervenções que aconteciam nas ruas Vinte e Um de Abril, Formosa, Sete de Setembro, com a construção de edifícios comerciais no entorno da Praça São Salvador, as populações de área ainda pantanosas e alagadiças da periferia ficaram à margem dessas modificações.

Anuncia-se o embrião do fenômeno de diferenciação sócio-espacial no município de Campos, definido por dois aspectos interdependentes: o sobrevalor da área central, com incremento de ações públicas voltadas à garantia da lógica burguesa de desenvolvimento e progresso e o desvalor das áreas periféricas, pela falta de investimento e ocupação progressiva das classes pobres. Além disso, as áreas mais afastadas eram determinadas para a construção de presídios, cemitérios, hospitais especializados em doenças de caráter epidêmico e contagioso (tuberculose, por exemplo), assim como os matadouros (FARIA, 2005, p. 7).

No início do século XX Campos começa a modificar seu espaço urbano. Faria (2000) divide essas modificações em dois períodos. No primeiro entre 1901 a 1915 uma maior atenção é dada à higiene e saúde pública, e entre

1915 a 1930 a preocupação é com o embelezamento e a ampliação desses espaços. O segundo período, de 1930 a 1937, foi onde as obras públicas foram impedidas devido às trocas administrativas no poder municipal da cidade. A ampliação desses espaços entre 1915 e 1930 se deu para o oeste da cidade, nas regiões da Avenida Pelinca, Parque Tamandaré e Jardim Maria Queiroz, bairros que receberam investimentos como a construção da Estação da Estrada de Ferro da Leopoldina e a Praça do Liceu, para abrigar a população de alta renda da cidade que se deslocou da área central na região da Praça São Salvador para ocupar esses novos espaços, e que permanecem, em parte, até hoje como os mais valorizados da cidade.

Na década de 1940 começa-se a pensar a cidade a partir da funcionalidade da cidade buscando melhorar a configuração de espaço urbano como um todo diferente do pensamento seletivo e de embelezamento dos espaços da cidade. “De fato, é nestes anos trinta e quarenta, que se começa a falar naturalmente da cidade urbanização e de reforma urbana. Sem dúvida é o começo de outro olhar, de uma outra maneira de intervir na cidade” (FARIA, 2000, p.8)

A partir da década de 1940, os critérios de uso e funcionalidade do espaço urbano foram revistos e presenciou-se o advento de critérios racionais e científicos na configuração do espaço urbano de Campos. Neste contexto, em 1944, a pedido do prefeito Salo Brand, a Companhia dos irmãos Coimbra Bueno realiza o Plano de Urbanização, Remodelação, Extensão e Embelezamento ou Plano Urbanístico de 1944. Este foi o estudo mais detalhado já realizado na história urbana de Campos (...). (ZACCHI, 2012, p. 66)

O novo plano urbanístico foi concebido graças às reivindicações das populações excluídas e da imprensa, que na época denunciavam a falta de investimento e políticas públicas da prefeitura e a existência de duas cidades, uma periférica e sem infraestrutura e a outra urbanizada e dotada dos recursos estruturais (Faria, 2000).

O prefeito e engenheiro Salo Brand que realizou obras como a Praça da Bandeira, a construção do Hospital de isolamento para tuberculosos e a construção de um trecho da estrada Campos – Niterói com ligação a rua XV de Novembro, foi o responsável por solicitar a empresa Coimbra Bueno um novo

plano urbanístico em 1944. Esse plano foi o mais detalhado já feito na história campista e buscou corrigir os erros do plano urbanístico anterior, redefinindo o centro da cidade entre as ruas Tenente Coronel Cardoso, Marechal Floriano e o Rio Paraíba. Projetando áreas de expansão e acrescentando pela primeira vez as áreas periféricas da cidade, como Guarus, Turf, Saco e o Matadouro. O plano de 1944 buscava orientar a organização da cidade aliando o embelezamento a funcionalidade e a ligação entre as áreas periféricas via transporte público para amenizar as distâncias (FARIA, 2000).

O plano proposto, em suas linhas gerais, pelo prefeito engenheiro Salo Brand, e elaborado pela empresa Coimbra Bueno não foi executado logo após a sua elaboração, aliás, ele nunca foi executado em sua totalidade, mas observando-se o traçado atual da cidade, podemos constatar que as intervenções posteriores, ocorridas no espaço urbano, seguiram suas principais orientações (FARIA, 2000, p. 13).

Pela falta de investimentos baseados no plano de 1944 aliados a isso a formação de favelas devido a decadência da indústria canavieira e ao êxodo rural nos anos 50 e 60. É criado em 1979, pelo prefeito e arquiteto Raul David Linhares, o Plano de Desenvolvimento Físico-Territorial Urbano de Campos (PDUC). Que tinha por objetivo controlar e organizar as áreas de expansão da cidade que cresciam rapidamente.

O PDUC se propunha a realizar uma análise técnica da problemática físico-territorial urbana de Campos, materializando-se em leis e documentos técnicos que serviam de respaldo à ação de fiscalização e controle do espaço pela municipalidade, sem, contudo, culminar em intervenções e melhorias necessárias para equalizar e democratizar o acesso à cidade. Além disso, o Plano prioriza uma proposta de racionalização da expansão urbana de Campos, normatizando e direcionando as áreas para as quais a cidade deveria crescer, conforme os interesses das elites fundiárias locais (ZACCHI, 2012, p.67).

Essas leis do PDUC (1979) foram feitas para auxiliar, segundo Zacchi (2012), a atuação na municipalidade nos aspectos do crescimento urbano como:

(...) a definição de áreas prioritárias para a expansão da cidade; o estabelecimento de normas e padrões para a localização dos diversos usos e atividades nas diferentes zonas urbanas; o controle do parcelamento do solo – fixando tamanhos mínimos para os lotes e tipo de infraestrutura que os loteadores deverão implantar–; as condições de higiene, salubridade e estética que as edificações deverão atender (ZACCHI, 2012, p.71).

Portanto sem querer aprofundar muito nessa questão do PDCU de 1979, dando um enfoque maior nos dois primeiros planos de 1902 e 1944, podemos perceber que a dualidade centro/periferia exposta por Villaça (2001) e Corrêa (1989) sempre foi muito presente em Campos dos Goytacazes e isso muito se deve as intervenções com caráter higienista e de embelezamento feitas com foco em região específica (o centro histórico), o abandono por parte do poder municipal em relação às áreas periféricas, e a falta de continuidade de intervenções, baseadas no plano de 1944. Plano que não foi executado em sua totalidade.

O que podemos concluir é que os diversos planos urbanísticos elaborados para Campos, por não terem sido implantados na sua integridade e por falta de intervenções concretas nas áreas periféricas, voltadas para as necessidades das camadas populares, não eliminaram as contradições do espaço urbano e a oposição centro x periferia (FARIA, 2005, p.12)

Aliado aos planos urbanísticos um fator importante na configuração do espaço urbano campista foi o seu crescimento populacional que podemos perceber com base na tabela 1.

Tabela 1: População residente e taxa de crescimento populacional, Campos dos Goytacazes, década de 1940 a 2010.

| Data | População Residente | Taxa de Crescimento (%) |
|------|---------------------|-------------------------|
| 1940 | 180.677 | - |
| 1950 | 200.327 | 10,88 |
| 1960 | 246.865 | 23,23 |
| 1970 | 285.440 | 15,63 |
| 1980 | 348.542 | 22,11 |
| 1991 | 389.109 | 11,64 |
| 2000 | 407.168 | 4,64 |
| 2010 | 463.731 | 13,89 |

Fonte: CIDAC- Centro de informações e dados de Campos -2015⁸

Esse crescimento populacional afetou principalmente as áreas urbanas muito devido à crise na economia canavieira da cidade que teve seu início nos anos 60, que seguiria nas décadas seguintes. Na Tabela 02, é possível perceber a crescente quantidade de pessoas nas cidades em detrimento a zona rural da cidade muito em razão desse êxodo rural histórico que houve no município.

Com essa quantidade de pessoas se localizando de forma crescente na área urbana, aumenta-se, o número de favelas na cidade. No censo 1991 e 2000 eram registradas 32 favelas com 18.454 e 16.876 moradores respectivamente. Já o censo 2010 do IBGE foi contabilizado 27 favelas com 15.777 moradores no total.

Uma das consequências negativas foi o fenômeno de favelização, expresso, claramente, pelo fato de que, em 1940, a população urbana representava 30% do total da população campista, tendo uma significativa concentração, na zona rural, de 70% da população do município. Neste mesmo período, existiam 4 favelas em Campos, e

⁸ Disponível em < <http://cidac.campos.rj.gov.br/wp-content/uploads/files/anuario-2015/#p=66> > Acesso em 18 nov. 2016

tal quadro passou para 32 favelas segundo a amostragem populacional (PNAD – Plano Nacional de Amostragem Domiciliar) realizada pelo IBGE em 1996 (FARIA, 2005, P.14).

Segundo Faria (2005) nos últimos anos o número de favelas e moradores não se alterou de forma significativa, pois nesse momento ao invés do aumento no número de favelas o que temos atualmente é o aumento da densidade populacional das favelas que já existem, e uma migração inter favelas.

Tabela 2: Distribuição da população, por situação do domicílio, Campos dos Goytacazes, 1980 a 2010.

| Ano | Urbana | Rural | Porcentagem% | Total |
|------|---------|---------|--------------|---------|
| 1980 | 203.358 | 145.184 | 71,39 | 348.542 |
| 1991 | 324.667 | 64.442 | 19,85 | 389.109 |
| 2000 | 364.177 | 42.991 | 11,80 | 407.168 |
| 2010 | 418.725 | 45.006 | 10,75 | 463.731 |

Fonte: CIDAC- Centro de informações e dados de Campos – 2015⁹

Essas questões são importantes para entendermos a evolução da urbanização em Campos dos Goytacazes e como ocorreu a expansão do seu espaço urbano, e perceber onde estão situados o estádio do Americano Futebol Clube, visto que o Americano está inserido dentro de todo um contexto no qual foi constituída a cidade.

O Americano F.C foi fundado com o nome atual no dia 1 de junho de 1914, porém antes de se chamar Americano o clube alvinegro quase se chamou América Futebol Clube em referência ao clube da capital, por uma sugestão de Belford Duarte, jogador na época e patrono do América. Depois de um jogo amistoso com jogadores campistas x América-RJ surgiu à ideia de fundar uma nova equipe com o nome América, mas por outra sugestão dos irmãos Bertoni, jogadores do América que ficaram na cidade, o clube foi fundado por dissidentes do Rio Branco, Luso Brasileiro e o Aliança, como Americano Futebol Clube.

⁹ Disponível em <<http://cidac.campos.rj.gov.br/wp-content/uploads/files/anuario-2015/#p=68>> Acesso em 18 nov. 2016

É um dos clubes mais vitoriosos do interior do estado. O time possui vinte e sete campeonatos campistas (sendo nove de forma consecutiva), cinco títulos Taça Cidade de Campos, seis títulos do Campeonato Fluminense, e campeão das Taças Rio e Guanabara em 2002 sendo vice-campeão carioca no mesmo ano. Apesar disso tudo, o clube passa por momentos conturbados, longe dos dias de glória do passado, lutando atualmente na série B do campeonato estadual desde 2012 junto com seu rival, Goytacaz, para voltar à elite do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro.

O Americano transferiu sua sede com um moderno centro de treinamento para Guarus. O time alvinegro que está em vias de construir o seu novo estádio também em Guarus já teve várias sedes ao longo da sua história.

Seu primeiro campo foi na Rua do Leão (atual Visconde de Itaboraí, Figura 8), onde os próprios jogadores do clube recém-fundado ajudaram na construção do campo que foi inaugurado em 1914.

Como o dinheiro para pagar pelo trabalho que seria realizado era pouco, os jogadores faziam grande parte da obra. Comprar madeira para o palanque e cerca do campo, era também tarefa difícil. Assim sendo, depois de uma festa, resolveram pegar emprestada a madeira de uma construção na Praça Barão do Rio Branco (Praça do Liceu) e nunca mais devolveram a mesma (...) Tudo pronto no dia 19 de junho de 1914 o clube campista inaugurava seu campo contra o América FC do Rio de Janeiro (SANTAFÉ, 1997, p.69).

Posteriormente o clube mudou-se para a Rua do São Bento (Atual Barão de Miracema) em 1917, onde construiu um estádio com mais estrutura que o da Rua do Leão somente em 1954 foi inaugurado no parque Tamandaré, o estádio Godofredo Cruz que se tornou a sede e símbolo do clube alvinegro. Entretanto, hoje o estádio, que recebeu grandes partidas e viu grandes títulos e jogadores passarem por seu gramado, está em processo de demolição e mais uma vez o clube troca sua sede.

Essa nova sede localizada numa área total de 192 mil m², na Av. Professora Carmen Carneiro no Bairro Sétimo Distrito, numa região mais afastada da cidade e já possui um moderno centro de treinamento com dois campos de futebol, três vestiários, vinte alojamentos, uma academia, uma área

social para os sócios do clube, um estacionamento para oitocentos carros, e uma a nova sede administrativa, com sala de *marketing*, departamento de fisioterapia, departamento de futebol e fisioterapia, sala de imprensa, sala do presidente e um novo estádio que já está sendo construído com capacidade para dez mil pessoas.

Para saber a opinião de quem irá frequentar esses espaços entrevistamos¹⁰ alguns torcedores não só do Americano, mas também de outros times de Campos sobre essa mudança. Quando perguntados sobre o que acharam da mudança de sede, a maioria não gostou devido a distância do centro da cidade. Quando perguntamos se houve algum tipo de protesto da torcida, a resposta foi positiva segundo os torcedores a maioria não aderiu de início a essa ideia e a princípio não houve uma consulta à opinião da torcida.

Também citamos a questão da distância se eles achavam que isso seria um empecilho para os torcedores frequentarem o novo estádio. De um modo geral, a resposta a isso foi positiva alguns disseram que não sabem ao certo como chegar ou onde fica com exatidão o local, mas que com o tempo com certeza os torcedores iriam se adaptar, e que o clube iria tentar viabilizar esse acesso.

Por fim foi perguntado a respeito do que representava para os clubes e para os torcedores o antigo estádio da Vinte e Oito de Março. Sobre essa questão a resposta foi unânime para eles, o Godofredo Cruz além de ser a casa era o maior patrimônio e orgulho do clube, foi palco de grandes jogos não só do Americano como de outros times campistas.

Esse apego e relação de pertencimento e a esse elemento do espaço urbano é comum, visto que o estádio de futebol é um elemento na paisagem da cidade de difícil definição, além de ser carregado de simbolismos, como vimos na fala dos torcedores. É inegável que os esses estádios fazem parte da vida cotidiana da cidade e ao longo do tempo se tornaram lugar de manifestação cultural de um povo em relação ao esporte mais popular do Brasil.

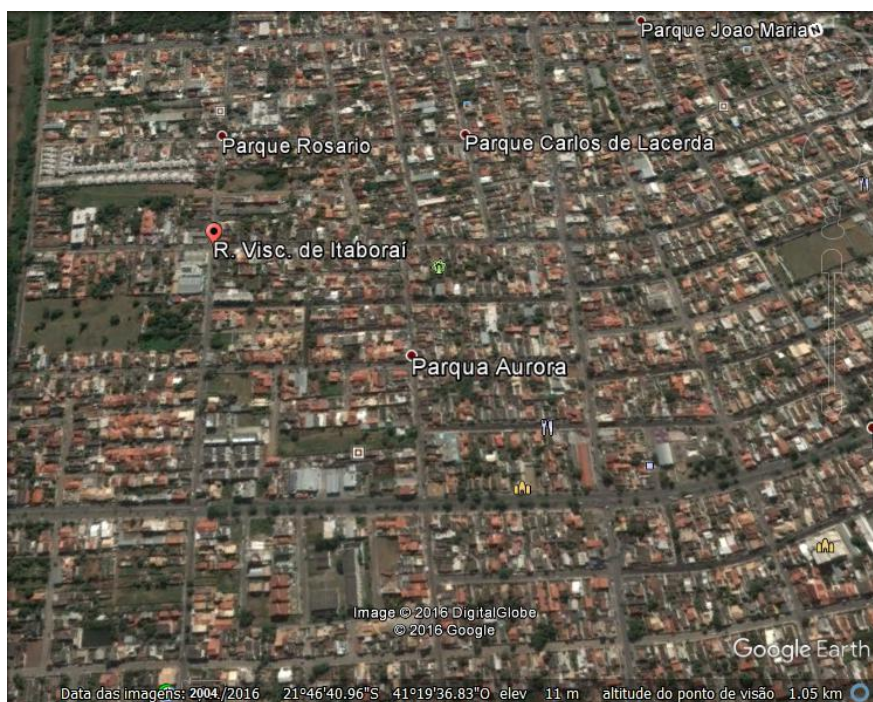
O que é um estádio de futebol? A princípio, um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma

¹⁰ As entrevistas foram realizadas de forma semi estruturada com questões abertas sobre o clube em nov / 2016 com seis torcedores da cidade.

centralidade física e simbólica no espaço urbano – metropolitano, destinado à oferta de espetáculos esportivos. (...) do ponto de vista político e simbólico, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural, denso de memória e topofilia. (MASCARENHAS, 2005, P. 154).

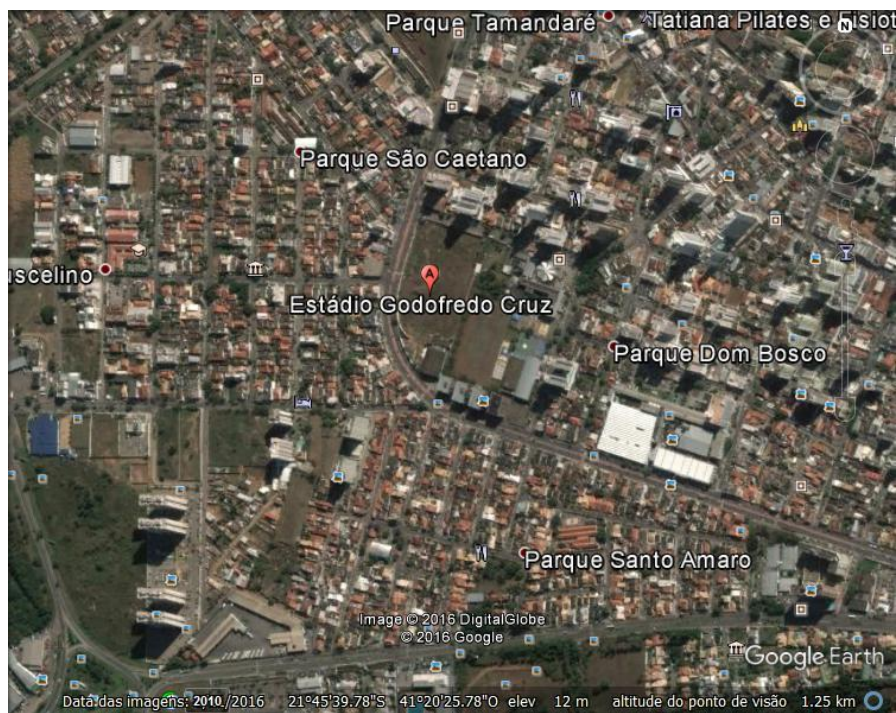
Além de lugar de centralidade física no espaço urbano, os estádios são lugares de pertencimento e onde se criam os símbolos, as histórias, e as identidades das pessoas em relação aos seus clubes, visto que o estádio tem um importante papel, nessa relação clube – torcida, pois até mesmo grandes clubes podem ser motivos de gozação por parte dos torcedores rivais e ter sua saúde financeira prejudicada por não possuir um local para abrigar seus jogos.

Figura 8: Vista aérea da Rua Visconde de Itaboraí



Fonte: Google, modificado pelo autor.

Figura 9: Vista aérea do estádio Godofredo Cruz na Avenida 28 de Março



Fonte: Google, modificado pelo autor.

Figura 10: Vista aérea do Centro de Treinamento do Americano



Fonte: Google, modificado pelo autor.

2.2 – O novo Godofredo Cruz e O Centro de Treinamento Eduardo Viana

O estádio se constituiu historicamente como campo de pertencimento, de identidades e de uso popular. Enquanto espaço da festa e da expressão coletiva, compunha a cidade vivida, de forma que sua transformação afeta um capítulo do “direito à cidade” para os menos favorecidos economicamente (MASCARENHAS, 2005, p. 146).

Com vimos o estádio se constitui uma materialidade que gera uma centralidade na cidade. Por suas dimensões, e pelo simbolismo que carrega torna-se um elemento importante dentro do espaço urbano, podendo mudar completamente estrutura área urbana de um bairro ou uma região.

O futebol brasileiro vem mudando o padrão dos seus estádios. Os estádios lotados com seus torcedores populares que lotam esses elementos urbanos a preços baixos, e que trazem simbolismo e importância aos estádios, não são mais necessários nesta nova lógica de mercantilização do futebol. O clube atualmente é visto e tratado como uma mercadoria assim como tudo que está envolvido sobre ele, portanto os estádios não são diferentes, pois os estádios são o portão de entrada dos clubes. Hoje o clube precisa mais do que tudo para ter obter uma boa saúde financeira de um estádio, ou nesse caso arena moderna. Um estádio que mais parece um shopping Center que possa ser utilizado não só para o time local como para times de outras regiões, utilizado também para shows e eventos, ou seja, um estádio que aparente e mostra para o público sua modernidade valorizando a marca do clube e trazendo benefícios como patrocínios e investimentos para o clube.

Portanto, falando agora especificamente sobre o Americano em Campos é preciso pensarmos em alguns pontos. Quais serão as ações do Estado com relação à infraestrutura naquele local após a construção do estádio e a partir do momento que o local começará a sediar as competições. Outro ponto é qual o público que o estádio receberá quando ficar pronto? Pois, hoje o vemos nas

novas arenas é mudança de público saindo os populares e entrando uma classe mais abastada, e se haverá uma boa aceitação do público pelo novo, porém distante estádio alvinegro. Em pesquisa de campo no Centro de Treinamento foi realizada entrevista, para que fizéssemos essas perguntas sobre o novo Centro de treinamento, e sobre os projetos do clube para o futuro.

Com relação à distância do centro foi perguntado o porquê de ser tão distante do antigo local e se isso poderá ser um empecilho para os torcedores acompanhar em jogos e treinamentos. Segundo Luciano Viana Filho, um dos auxiliares na administração do Centro de Treinamento, filho do presidente e que pode nos receber. Segundo ele, o clube não terá problema com a torcida para acompanhar os jogos, visto que, existe transporte próximo, e quando o Americano joga até mesmo fora do município os torcedores também comparecem em peso. Sobre a distância o clube não teve escolha, a construtora cedeu o terreno na negociação, entretanto o clube acredita que foi benéfico, pois agora possuiu uma área maior e com uma infraestrutura mais completa para as necessidades do clube.

Perguntamos também sobre o porquê da mudança, como será o novo estádio, e qual o público que o estádio receberá. A resposta que recebemos foi que a mudança se fez necessária para sanar as dívidas do clube através dessa permuta como já haviam informado oficialmente. Sobre o novo estádio nos foi informado que terá capacidade para dez mil pessoas e que continuará se chamando Godofredo Cruz. Entretanto não conseguimos obter mais detalhes sobre o projeto nem com o clube nem com a IMBEG – A IMBEG é a construtora responsável pela construção do centro de treinamento e do novo estádio, e a nova responsável pela área do antigo estádio na 28 de março. Com relação ao público que o futuro estádio receberá o clube não pretende aumentar o preço dos ingressos e nem tornar os jogos inacessível aos torcedores.

Sobre a reação da torcida quando o anúncio da demolição foi feito e sobre o que o estádio no Parque Tamandaré representava para o clube. Foi nos respondido que houve sim alguns protestos e reações negativas a demolição do estádio, porém hoje a aceitação da torcida a mudança e a nova estrutura que o clube tem disponível é maior. E em relação ao estádio da Vinte e Oito de Março, para o clube representava tudo, pois era um dos maiores

estádios do interior, onde o clube obteve seus maiores títulos e glórias ganhando de vários times de grande importância no futebol nacional e que talvez por isso a reação dos torcedores tenha sido tão negativa no começo.

Por fim, perguntamos se o clube possui alguma parceria com a prefeitura e se existe algum projeto da Prefeitura com o clube para aquela região. Segundo o clube, o que há na verdade é uma parceria da Prefeitura com o clube esportivamente com patrocínio na camisa, entretanto não há nenhum projeto de urbanização que envolva o clube.

Figura 11: Entrada do Centro de Treinamento – 2016



Fonte: Trabalho de Campo realizado pelo autor em 08/11/2016.

Figura 12: Centro de treinamento - 2016



Fonte: Trabalho de Campo realizado pelo autor em 08/11/2016.

Figura 13: Arquibancada do estádio sendo construída - 2016



Fonte: Trabalho de Campo realizado pelo autor em 08/11/2016.

Figura 14: Outra arquibancada sendo construída - 2016



Fonte: Trabalho de Campo realizado pelo autor em 08/11/2016

Como afirmamos, a mudança do clube foi necessária devido às dívidas e a possibilidade de expansão segundo o clube para uma área maior, entretanto ela também pode ser vista por outro prisma, além dessas, como as imposições que a especulação imobiliária, e ações do Estado implicam dinâmica urbana.

A cidade de Campos, portanto perdeu um dos seus grandes estádios. O estádio que já foi palco de grandes jogos, das grandes conquistas, de um dos clubes mais importantes do interior do Rio atualmente não existe mais. Do antigo estádio Godofredo Cruz na Avenida Vinte e Oito de Março no Parque Tamandaré hoje só sobrou as ruínas dos muros com cores que caracterizam o

Clube, o preto e o branco. Fica visível na paisagem (Figura 15) (Figura 16) que o estádio foi de certa forma engolido pela especulação imobiliária da área, uma das mais valorizadas de Campos.

Figura 15- Estádio Godofredo Cruz no Parque Tamandaré- Década 1970



Fonte: Viva La resenha¹¹

¹¹ Disponível em < <http://vivalaresenha.wordpress.com/2016/02/11/um-pouco-sobre-o-historico-estadio-godofredo-cruz/> > Acesso em 13 dez.2016

Figura 16: Estádio Godofredo Cruz no Parque Tamandaré - 2012



Fonte: Foto cedida por Silvana Cristina da Silva (Acervo particular), fev. de 2012.

Essa mudança, entretanto não afeta somente aos torcedores e envolvidos com o clube. Como já sugerimos aqui que o estádio faz parte do espaço urbano das cidades, por isso quando esse tipo de elemento é reformado, demolido ou construído dentro desses espaços.

Vimos que a ação do Estado nos planos urbanísticos da cidade de Campos foi um dos fatores determinantes para acontecer valorização desigual de um bairro para outro, porém apesar ação do Estado ter uma grande relevância, analisado de forma isolada não é possível entender completamente a cidade. Corrêa (1989) nos mostra que existem cinco agentes sociais que produzem o espaço urbano fazendo e refazendo esses espaços “fragmentados e articulados, reflexo e condicionante social”, são eles os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; os grupos sociais excluídos. Mais adiante falaremos sobre os cinco e sobre sua atuação na mudança de sede do clube.

A complexidade da ação dos agentes sociais, inclui práticas que levam ao constante processo de reorganização espacial, como

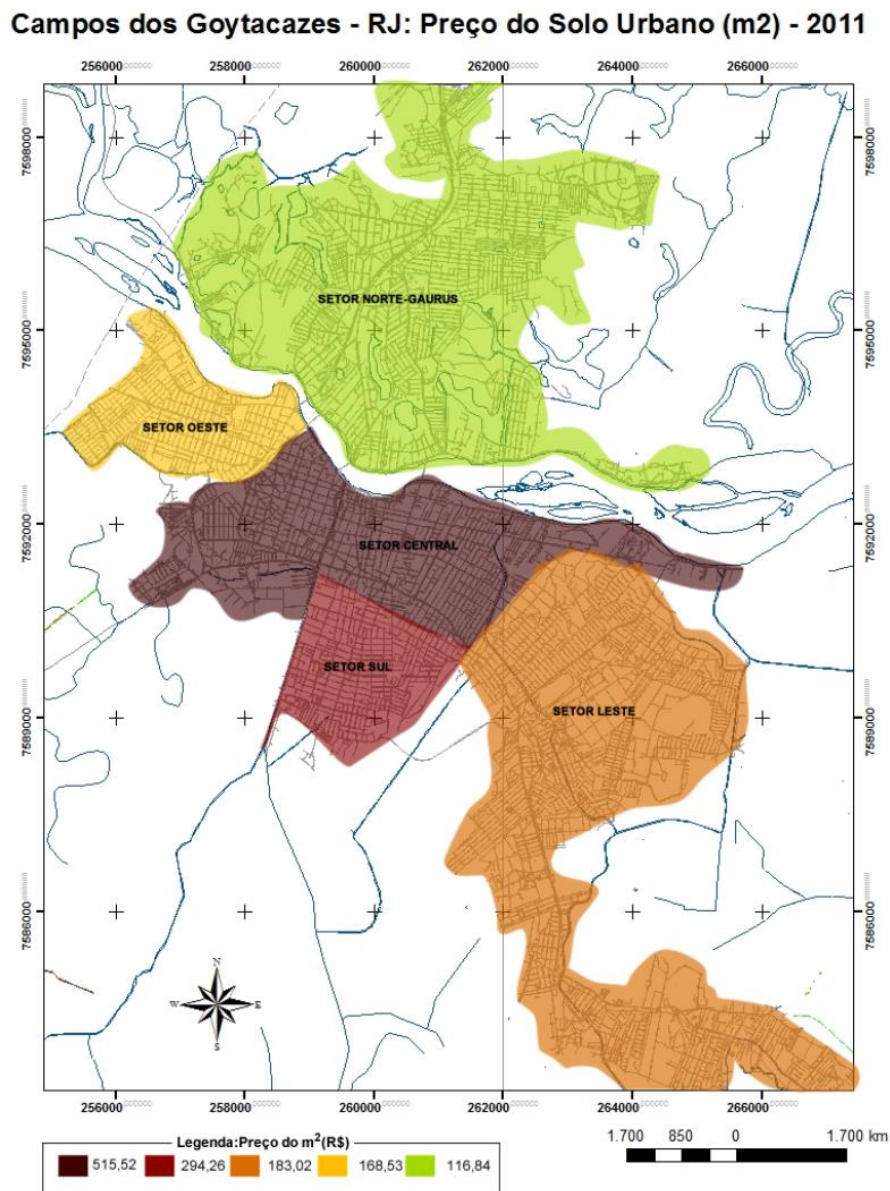
incorporação de novas áreas ao espaço urbano, mudanças nos padrões de uso do solo, deterioração de certas áreas da cidade, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade. (CORRÊA, 1989 p. 11)

Em Campos como vemos na Figura 16 com base no preço do solo, podemos ver que o setor central com os bairros de maior destaque como o Centro, Parque Avenida Pelinca, Parque Tamandaré, Parque São Caetano são os setores com maior valorização em detrimento ao setor Norte- Guarus com bairros como Parque Guarus, Eldorado, Codin, Aeroporto que possui a menor valorização.

Marcos Silvestre Gomes (2015) analisa a especulação imobiliária de Campos e nos mostra que há uma concentração de edifícios residências de alto padrão principalmente na região do Parque Tamandaré e um crescimento de empreendimentos com uso empresarial-comercial na região da Avenida Pelinca e no Centro. O autor nos fala sobre essa valorização desigual da terra, pois dentro dessa produção capitalista as ações do Estado junto aos grandes proprietários fundiários procuram valorizar, produzindo e reproduzindo segundo os interesses dos que são os responsáveis pelo discurso sobre a qualidade do lugar em que se quer comercializar tal terra.

(...) resalte-se a intensa especulação fundiária, sobretudo no Parque Avenida Pelinca e Parque Tamandaré, com pouca disponibilidade de terrenos e onde o preço do metro quadrado é quase o triplo do setor onde está inserido e cerca de 20 vezes o do bairro Eldorado, no Setor Norte (GOMES, 2015, p. 37).

Figura 17: Campos dos Goytacazes - RJ : Preço do solo (m2) - 2011



Fonte: Gomes (2015); Adaptado: pelo autor.

Essa especulação acontece, pois segundo Vargas (2011) a terra é uma mercadoria que tem preços e valores, ou seja, é um bem natural que não pode ser reproduzido, pois por mais que seja trabalhada não se produz mais terras. Dominar e se apropriar desse bem natural que não pode ser reproduzido é uma forma de uma classe social se impor sobre outra classe social desprovida desses bens.

A terra tem um proprietário que subjulga quem não tem terra, pois impõe o domínio de uma classe social sobre a outra. Ao mesmo tempo, cria-se, no imaginário de quem não tem terra, a necessidade de tê-la gerando um imperativo do consumo dessa mercadoria, ao mesmo tempo em que se cria a necessidade de ter mais para aqueles que já têm, no processo de acumulação capitalista. Fruto dessas combinações cria-se o mercado imobiliário (VARGAS, 2011, p. 3).

Essa especulação gera uma segregação que Corrêa (1989, p. 63) chama de auto segregação e segregação imposta no qual a primeira se refere à segregação da classe dominante, e a segunda é em relação aos grupos sociais onde quase não há opções para morar.

Baseado nessa valorização desigual do espaço urbano que produz em Campos uma divisão clara entre o Centro e a Periferia, podemos entender as mudanças históricas das sedes do Americano a partir de um olhar para os agentes modeladores do espaço urbano em que a e visão mercadológica dos clubes com seus e estádios e até mesmo com sua própria marca são preponderantes.

Entre os agentes modeladores segundo Corrêa (1989) temos os grandes proprietários industriais e as grandes empresas comerciais que são, devido às suas atividades, demandantes de grandes terrenos. Em geral, procuram terrenos amplos e baratos que sejam vantajosos do ponto de vista locacional para suas empresas e áreas, e onde seja acessível para toda a população em geral. Já os proprietários fundiários que procuram sempre obter a maior renda fundiária para suas propriedades principalmente com uso comercial e residencial de classe abastada. Estão interessados sempre no seu valor de troca e não de uso, além disso, estão sempre pressionando o Estado para com investimento público valorizar as suas áreas.

Ainda em Corrêa (1989), outro agente modelador importante são os promotores imobiliários. Estes buscam sempre construir habitações que tenham valor de uso maior do que as habitações anteriores, e no futuro um preço de venda cada vez maior, segregando ainda mais os grupos sociais excluídos. Esses são os que realizam o financiamento; estudo técnico;

construção ou produção física do imóvel; e comercialização ou transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro, agora acrescido de lucro.

O Estado, segundo Corrêa (1989) é responsável também pela organização espacial da cidade. A atuação desse agente segundo o autor é complexa e variável no tempo e no espaço.

Vargas (2011, p. 11) destaca que:

As ações do Estado que contribuem para a produção do espaço urbano e que interferem ativamente no preço da terra e na sua valorização são as mais variadas como a produção de legislação específica para regulação do uso do solo para a área urbana (zoneamento, código de posturas, plano diretor); (...) o IPTU; a expansão do perímetro urbano, o exercício de controle e fiscalização; os serviços públicos; as realizações de empreendimentos para a oferta de infraestrutura urbana de consumo coletivo; a disponibilização e concessão de financiamentos para construção de obras públicas ou para construção da casa própria. (VARGAS, 2011, p. 11)

Entretanto essa série de ações do Estado não se dá de forma neutra nesses espaços, pois o Estado sempre age a favor dos grandes proprietários a fim de valorizar as áreas mais abastadas em contradição com áreas menos favorecidas.

A nível intra-urbano, o poder público escolhe para seus investimentos em bens e serviços coletivos, exatamente os lugares da cidade onde estão os segmentos populacionais de maior poder aquisitivo; ou que poderão ser vendidos e ocupados por estes segmentos, pois é preciso valorizar as áreas. Os lugares da pobreza, os mais afastados, os mais densamente ocupados vão ficando no abandono [...] (SPOSITO, 1988, p.74)

O Americano, portanto apesar das dívidas e da fase ruim esportivamente foi mais um a sofrer com especulação imobiliária e com essa valorização desigual que ocorreu na cidade, pois o estádio demolido estava localizado

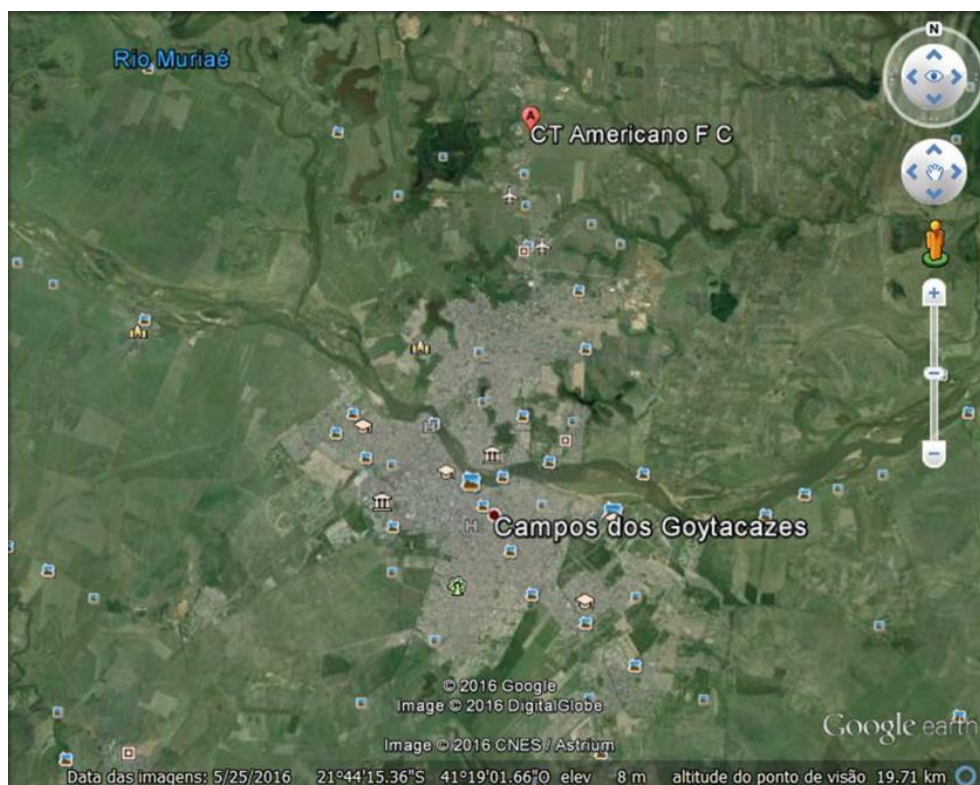
numa área como vimos, altamente valorizado para o setor imobiliário de *status* onde o preço do solo é o mais caro da cidade. Sendo assim o clube realizou a transferência da sua sede através de uma permuta com a empresa imobiliária IMBEG, nesse caso aqui são promotores imobiliários agindo como incorporadores e construtora.

Em contato com a IMBEG¹², a respeito do projeto do novo estádio nos foi negado o acesso com a justificativa de que não tinha autorização para mostra-lo ou divulga-lo, entretanto, com relação ao que será feito com a área do antigo estádio nos foi dito pelo engenheiro Anderson Siqueira, que será uma área com prédios comerciais e residenciais. Porém quem passa pela Avenida Vinte e Oito de Março ainda observa os muros do que já foi o estádio do Americano.

Fazendo o seguinte questionamento sobre qual é a estratégia dos promotores imobiliários, Corrêa (1989, p. 21) afirma que esses objetivam, sobretudo: “Produzir habitações com inovações, com valor de uso superior às antigas, obtendo-se, portanto, um preço de venda cada vez maior, o que amplia a exclusão das camadas populares”. E com certeza esse seja o grande objetivo da IMBEG, valorizar a região do Parque Tamandaré, retirando o estádio e levando para outra região desvalorizada para obter o maior lucro possível construindo outro elemento como prédios residenciais ou empresarias de *status* aumentando ainda mais a segregação socioespacial das classes excluídas que tanto frequentaram o estádio Godofredo Cruz. Além de retirar uma referência simbólica para o futebol local.

¹² Tentamos contato a IMBEG, no local onde está sendo construído o novo estádio, para saber se podíamos ter acesso a algum detalhe do projeto do novo estádio e sobre o que será feito na área na 28 de março. Não foi possível fazer uma entrevista e o contato foi feito de forma restrita e rápida.

Figura 18: Imagem de satélite do município de Campos dos Goytacazes



Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

Procuramos também a Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, visto a importância que a mesma teve ao longo de todo o processo de urbanização da cidade. Perguntamos ao subsecretário de Infraestrutura e Mobilidade Urbana, Cesar Romero Braga¹³, se existe algum projeto da prefeitura para aquela região visto que é uma área de expansão da cidade. A resposta foi negativa, segundo ele apesar da prefeitura ter asfaltado boa parte daquela região recentemente isso não tem haver com o Americano, isso é um projeto que engloba não só aquela região, mas como a cidade inteira. Perguntamos também sobre a posição da prefeitura nessa mudança do Americano, se a prefeitura interferiu, segundo ele a prefeitura não se envolveu, pois foi um acordo entre uma empresa e um clube privado.

O Estado é que em tese nessa situação é responsável por aprovar essa mudança, visto que é ele quem em tese também regulamenta, controla e fiscaliza o uso do solo urbano, inclusive é responsável por regular a alta

¹³ Entrevista realizada em 08/11/2016.

especulação imobiliária por meio dos mecanismos criados na Constituição de 1988 e no Estatuto da Cidade. Agora resta saber como isso afetará a região ao Norte do município, e como a nova sede do clube irá influenciar nos investimentos do poder público naquele local. Pois, historicamente a região ao Norte do rio Paraíba sempre esteve fora das ações da prefeitura compondo já que essa região é caracterizada por outro agente social denominado por Corrêa (1989) de grupos sociais excluídos, que podem ser tanto os torcedores do clube, que não tiveram suas referências simbólicas ancoradas ao clube respeitadas, quanto os moradores próximos ao novo centro de treinamento, que podem estar sujeitos à uma nova especulação no bairro.

Considerações Finais

Neste trabalho podemos estudar o processo de formação do Americano Futebol Clube e suas mudanças de sedes no espaço urbano ao longo do tempo, igualmente resgatamos um pouco da história nem sempre contada do futebol campista e sobre a urbanização da cidade. Além disso, apresentamos aqui uma análise sobre o processo de valorização do solo urbano da cidade que envolveu o Americano a uma nova mudança da sede do clube em 2016, incluindo a mudança no seu estádio.

O futebol foi um dos elementos que o Estado utilizou para a criação do cimento identitário nacional. O futebol penetrou nas massas e hoje é muito mais que um esporte, faz parte do imaginário do que é ser brasileiro. Houve uma difusão desse esporte não só, nas metrópoles, mas nas cidades médias e mesmo as pequenas. A história territorial de Campos dos Goytacazes passa pela formação dos seus clubes de futebol, desde os clubes ligados às usinas de cana-de-açúcar. No auge desse ciclo econômico, muitos foram os clubes existentes na cidade.

O futebol campista foi uma força dentro do Estado do Rio de Janeiro e essa história infelizmente acabou se perdendo com o tempo resumindo seus representantes no futebol profissional ao Americano, o Goytacaz e mais recentemente o Campos A.A.

Muito dessa força se perdeu graças à crise das usinas de cana-de-açúcar nos anos 60/70. E essa crise também está muito relacionada a urbanização da cidade, pois esse foi um dos fatores cruciais que modificaram completamente a dinâmica urbana da cidade aliado também as ações do Estado que atendendo a interesses de uma elite contribuiu e promoveu uma valorização desigual no espaço urbano de Campos.

Essa valorização desigual tem uma relação muito grande com a situação do Americano que procuramos abordar no trabalho. O estádio estava localizado numa área central da cidade com uma alta especulação imobiliária e devido a desejos de empresas realizarem empreendimentos de alto status no

Parque Tamandaré; juntamente com os problemas internos do clube Americano, criou-se a possibilidade de mudança de sede para um local totalmente diferente do original, e bem distante da área central da cidade.

A despeito da sede do clube ser dotada de uma boa infraestrutura, com uma área de grandes proporções com bastante possibilidades para o futuro, com certa acessibilidade – é possível utilizar o transporte público com certa facilidade apesar da distância do centro, visto que, o local para uso do transporte público e o clube é próximo – a nossa análise mostra como os interesses imobiliários passam por cima de memórias da cidade, o sentimento de pertencimento do torcedores foram subordinados aos interesses especulativos e do processo de modelação do espaço urbano, em que o Estado e as grandes incorporadoras são responsáveis por uma expansão urbana para áreas pouco dotadas de infraestrutura e mesmo, que as áreas bem dotadas de equipamentos coletivos, sejam destinadas às classes de alta renda, que comanda a estruturação do espaço urbano, conforme destaca Villaça (2001) para as metrópoles, mas que também ocorre em cidades como Campos dos Goytacazes.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática. 1989.

Da MATTA, Roberto, [et al]. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Editora. Pinakotheke, 1982.

MATOS, Marcelo da Cunha. **São Januário um Caldeirão no centro de um bairro**. Rio de Janeiro: Ed. Clube de Autores, 1 edição, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, Operários e Futebol: Uma Outra Geografia. **Geographia**, n. 8, p.1-9, jul./dez., 2002.

MASCARENHAS, G. **A mutante dimensão espacial do futebol**: forma simbólica e identidade; Espaço e Cultura. Espaço e Cultura (UERJ), v. 19-20, 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 10, p. 142-170, 2013.

MASCARENHAS, G.; OLIVEIRA, Leandro Dias de. **Adeus ao proletariado? A dimensão simbólica do estádio da cidadania** (Volta Redonda RJ / Brasil). Revista digital – Buenos Aires, v. 101, p. 1, 2006.

MASCARENHAS, G.. **A Geografia dos Esportes**: uma introdução. Scripta Nova (Barcelona), Barcelona, v. 3, 1999.

FARIA, Teresa P. **Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades, velhas estruturas**. Anais

do X Encontro de Geógrafos da América Latina, Universidade de São Paulo 2005.

FARIA, T. J. P. **Os projetos e obras do engenheiro Saturnino de Brito e mudança na paisagem urbana**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 19, p. 115-122, 2015.

FARIA, T. J. P. **Campos dos Goytacazes nos anos 1870-1880: a modernização brasileira e o mundo citadino**. Agenda social (UENF) , v. 2, p. 1-16, 2008

FARIA, T. J. P. **As reformas urbanas de Campos e suas contradições**. O Plano de 1944 uma nova ordem social e urbana. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 6, p. 1-14, 2000.

FERREIRA, Fernando da Costa. Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 10 - N° 90 - Noviembre de 2005

FERREIRA, Fernando da Costa. **Maracanã: de centralidade popular a arena para a sociedade do espetáculo**. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Geografia PPGeo) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2013.

FREITAS, K. P. da S; FARIA, T. J. P. Produção e apropriação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes RJ: da residência unifamiliar aos edifícios de apartamentos. In: **Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais** - UFES, 2011, Vitória. Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES. Vitória, 2011. V. 1. P. 1-18.

GOMES, M. A. S. A produção e a valorização desigual do espaço urbano em Campos dos Goytacazes-RJ: uma análise das ações do Estado e dos promotores/incorporadores imobiliários. **Revista Geografares**, v. 1, p. 28-41, 2015.

SANTAFÉ, Hélio. **Ídolos do Esporte - A História do Esporte de Campos**. 2. ed. Campos dos Goytacazes: Grafimar Artes Gráficas e Editora, 2006. 200 p.

OURIVES, Paulo. **A História do Futebol Campista**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1989, 184 p.

PARDO, Aristides Leo. **No país do Futebol, Cidade sem Memória – A história Futebolística de Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro / Aristides Leo Pardo – Campos dos Goytacazes: 2007. 137 p.**

ROLNIK, R. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. v. 1

SILVA, Thomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Thomaz Tadeu da Silva (org.)**. Stuart Hall, Kathryn Woodwar. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 14^a. ed. São Paulo: Contexto, 1988. 80p

VARGAS, G. P. . O conceito de renda da terra e sua aplicabilidade nas análises sobre a atuação do estado na produção do espaço urbano. In: **XII SIMPURB - Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, 2011, Belo Horizonte. ANAIS DO XII SIMPURB, 2011.

VILLAÇA, Flávio. **O espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001. .

ZACCHI, Raquel Callegario. **O papel dos proprietários fundiários e do Estado no processo de conversão de terras rurais em urbanas e na produção de loteamentos fechados: Campos dos Goytacazes/RJ (1980-2011)**. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2012.

Site oficial do Americano FC. Disponível em: <<http://www.americanofc.com.br/>>. Acesso em 15/09/2016.

Liga Campista de Desportos. Disponível em: <<http://ligacampistadesportos.blogspot.com.br/>> . Acesso em 15/09/2016.

